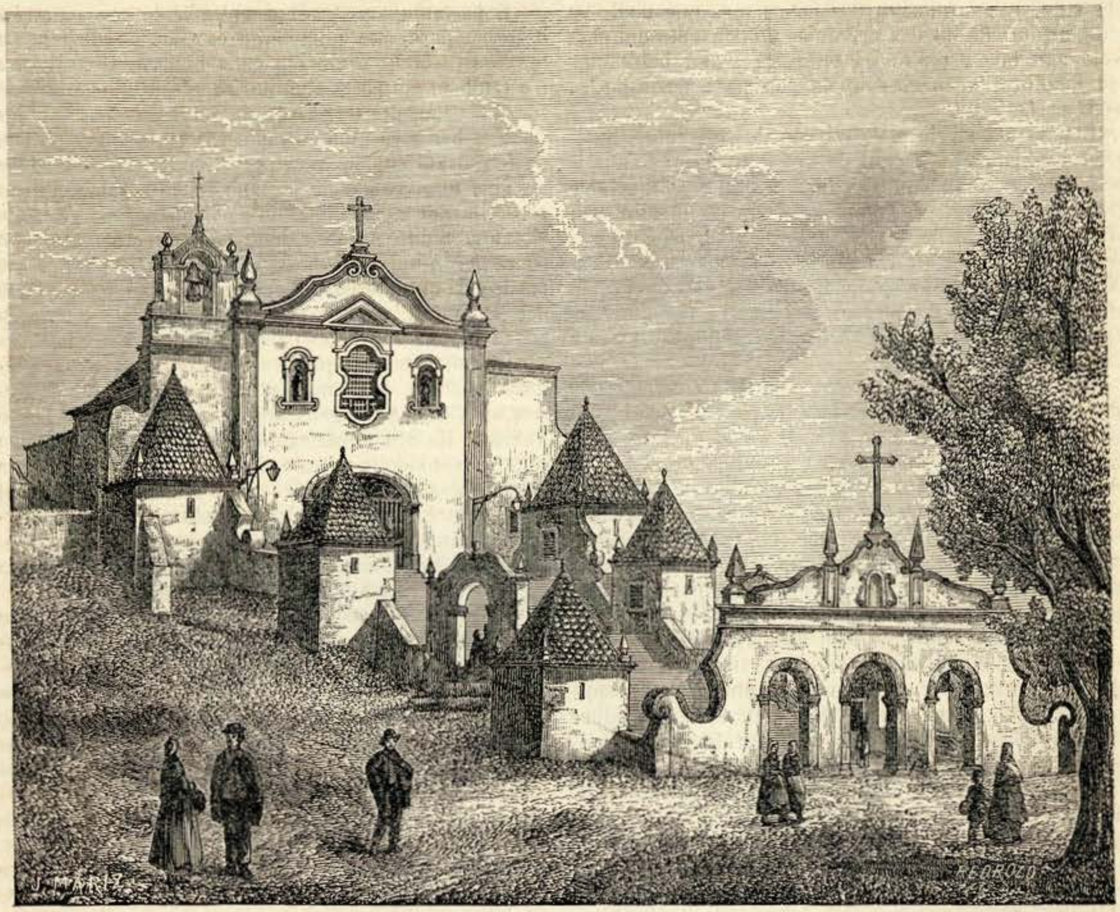


Egreja do convento de Santo Antonio dos Olivaes, junto a Coimbra

Existem tres monumentos, dois em o nosso paiz e um no estrangeiro, inteiramente ligados á memoria do mais venerado e mais popular de todos os santos que tiveram por berço esta boa terra de Portugal. Não sería preciso, certamente, pôr aqui o seu nome glorioso para que os nossos leitores soubessem que fallâmos de Santo Antonio, d'esse illustre filho de Lisboa, a quem os nossos escriptores e oradores sagrados cognominam Thaumaturgo, clarim do evangelho, portento de santidade e de prodigios, arca do testamento, grande dos menores, soberano dos humildes, eterna gloria de Portugal, esplendor honorifico de Italia, e outros muitos epithetos com que desafogam o seu enthusiasmo e veneração em honra e louvor do santo predilecto dos portuguezes.

Aquelles tres monumentos são: a egreja de Santo Antonio da Sé, em Lisboa, edificada no logar em que existíra a casa onde o santo nascêra, a 15 de agosto de 1195; o convento de Santo Antonio dos Olivaes, junto a Coimbra, onde o mesmo santo professou a regra de S. Francisco, tendo o convento n'esse tempo a invocação de Santo Antão; e, finalmente, a egreja de Santo Antonio, na cidade de Padua, onde jaz o corpo do Thaumaturgo.

Do primeiro d'estes monumentos tratou largamente o *Archivo Pittoresco* a pag. 17 do vol. VI, publicando ao mesmo tempo uma excellente gravura d'elle; do segundo vamos agora dar conhecimento aos nossos assignantes; e do terceiro em breve teremos occasião opportuna para descrever e mostrar em gravura a sua magnificencia.

Dos tres monumentos, é o convento de Santo Antonio dos Olivaes, reedificação do seculo XVI, e ao presente em ruinas, o mais modesto, e, além de modesto, de fabrica humilde. Em quanto que o primeiro e o terceiro, erigidos no seio de cidades opulentas, a expensas d'esses mesmos municipios, auxiliados com donativos de soberanos, representam, no custoso da fabrica e na devoção dos poderosos que os fundaram, as grandezas do mundo; o segundo, edificado pobremente em logar solitario, para agasalho de religiosos pobres e para casa de oração desacompanhada de pompas, symbolisa a devoção dos humildes, a simplicidade da religião, o desprezo, em fim, das vaidades e grandezas humanas.

Não ha aqui, agora que o convento está ermo, nem havia quando estava habitado, primores d'arte, nem alfaias preciosas, como encerram aquelles, em que os olhos se enlevam e as attenções se prendem. Mas hoje, como outr'ora, ressumbra d'aquellas toscas e velhas paredes um tal cheiro de santidade; fallam debaixo das suas abobadas tantas e tão venerandas recordações; cercam o conventinho por todos os lados, de envolta com variadas bellezas naturaes, tão poeticas tradições, que, apesar de abandonado e destruido por um incendio, que pouco mais poupou além da egreja, é muito visitado dos moradores da visinha cidade de Coimbra e dos hospedes que esta recebe.

A devoção ainda leva áquelle templo em romaria muita gente das terras em derredor. Tambem alli conduz muitos curiosos o desejo de ver os logares que o Thaumaturgo sanctificou com a sua presença, e a cella

onde habitava, na primeira fundação do convento, transformada, depois da reedificação, em casa do capitulo, e mais tarde em capella. Em fim, a amenidade do sitio, e a formosura dos panoramas que d'elle se desfructam, fazem das cercanias do convento um passeio agradavel, muito da predilecção dos habitantes de Coimbra, e concorrido de passeiantes nas tardes serenas de estio.

Quanto á historia e descripção do convento, transcrevel-a-hemos para aqui de um livro interessantissimo, modernamente publicado, em que o seu auctor e nosso collaborador as compendiou em um quadro bem delineado, cheio de verdade e breve. O livro é o *Guia historico do viajante em Coimbra e arredores;* o sr. Augusto Mendes Simões de Castro é o seu auctor, já muito conhecido dos nossos assignantes por differentes estudos historicos e archeologicos publicados n'este semanario.

Eis, portanto, o que ácerca d'aquelle convento nos diz este consciencioso escriptor, a pag. 136 da citada obra, depois de fallar do *penedo da Meditação*, sitio ameno e celebrado dos poetas, proximo do convento de religiosas de Cellas, e ambos visinhos de Coimbra:

«Proseguindo de Cellas para o nascente, encontra-se a pouca distancia a egreja e conventinho de Santo Antonio dos Olivaes, monumento que, entre os muitos de Coimbra e seus suburbios, occupa logar distincto.

«O primitivo convento, um dos primeiros que teve em Portugal a ordem dos menores, tinha a invocação de Santo Antão, e originou-se de uma ermida dedicada áquelle santo, que a rainha D. Urraca, mulher de D. Affonso II, doou, em 1217 ou 1218, aos religiosos franciscanos.

«Pouco depois de fundado o pobre hospicio, alli vieram poisar os cinco frades menores, fr. Otho e seus companheiros, quando se dirigiam a Marrocos; e quando, depois de terem colhido a palma do martyrio, foram conduzidos os seus restos gloriosos ao convento de Santa Cruz, inspiraram em Santo Antonio, que n'elle residia, um tal desejo de imitar o valor d'aquelles martyres pela fé de Christo, que o fez abandonar a real mansão dos conegos regrantes e acolher-se ao humilde conventinho dos Olivaes, onde esperava encontrar facilmente os meios de conseguir o seu pio intento. Foi, pois, d'alli que saiu o sabio profundo, o theologo eminente, o grande prégador, o Thaumaturgo do seu seculo. Eis por que o convento de Santo Antonio é tido como um monumento memoravel; eis por que, ao visitar-se, não póde deixar de fazer sentir essa veneração, esse respeitoso acatamento que inspiram os logares onde assistiram homens illustres.

«Não é, porém, já o primitivo edificio que hoje vemos. Os frades franciscanos deixaram aquelle local pelos annos de 1247, pouco mais ou menos, e foram habitar no convento que se fundou junto da ponte com a invocação de S. Francisco. Abandonada pelos filhos de Assis a morada dos Olivaes, nem por isso deixou de ficar alli mui viva a memoria de Antonio; e os fieis concorriam a celebral-a annualmente n'uma egreja que a cidade alli edificou, e n'uma cellinha terrea mui estreita, e tida em grande veneração, por ser o local, segundo a fama antiga, em que o santo habitára.

«No anno de 1539 se emprehendeu uma nova edificação. Ajudados por D. João III e por D. Alvaro da Costa, fundaram alli os frades da provincia da Piedade um novo convento, que depois pertenceu á da Soledade, que se separou d'aquella no anno de 1673. Por occasião d'esta nova fundação se reedificou a celebrada cellinha, transformando-se em casa do capitulo.

«No anno de 1851, em a noite de 10 para 11 de novembro, ateou-se no convento um espantoso incendio, que o devorou quasi todo, escapando apenas a egreja e sacristia, e pouco mais. Digamos, porém, alguma coisa do que ficou.

«É bastante agradavel a entrada do convento. Dá ingresso para elle uma larga escadaria, que tem no fundo tres arcos e um em cada ilharga. Guarnecem-n'a tambem em parte algumas capellinhas com os passos mais tocantes da paixão do Salvador. Ao cimo das escadas fica a casa da entrada, e em frente um portico de feição antiga, de volta ogival, e que se conjectura ter sido aproveitado de alguma das anteriores edificações. De um e outro lado do portico se lê um elegante elogio a Santo Antonio, que compoz e fez gravar o padre fr. Antonio de Serpa, bispo de Cochim. Este portico dá entrada para a egreja, que não ficou intacta das chammas. Como, porém, os estragos foram de pouca monta, reparou-se facilmente.

«É lindissima a pequena sacristia. Tem vistosas pinturas a fresco, e é guarnecida de quadros que representam varias passagens da vida e milagres de Santo Antonio. Ha alli tambem uma pintura, que se indica como o verdadeiro retrato do santo, tirado em Padua pouco antes da sua morte. N'um retabulo que está na parte principal com um vistoso altar, vê-se um quadro figurando o acto em que o santo tomou o habito. É de Paschoal Parente. Existem tambem na sacristia alguns relicarios e a cabeça de Santo Antão.

«Retrocedendo ao zagão, para onde se abre a porta da egreja, encontram-se alli mais duas: uma dá entrada para uma linda capella, onde se venera a imagem da Senhora das Dores; outra dá communicação para um extenso terrapleno arborisado e guarnecido de alegretes e assentos. Era alli onde, antes do incendio, se viam os claustros, officinas, e a memoravel casa do capitulo, edificada, segundo a tradição, no local da antiga cella de Santo Antonio, a qual foi tambem consumida pelas chammas. A piedade, porém, apressou-se a reparar este mal, e presentemente vê-se no mesmo sitio outra capella modestamente construida.

«Percorrendo o terrado, encontram-se mais duas capellas, que escaparam do incendio, n'uma das quaes se vê um curioso presepio. Ficam proximos dois pequenos cemiterios, ha pouco construidos.

«Do terrapleno goza-se um panorama muito extenso e variado, e domina-se toda a cêrca, onde se conservam ainda algumas ermidinhas, em que os moradores do convento se davam a exercicios espirituaes.

«O convento é muito visitado por occasião das romarias de Santo Antonio e da Senhora das Dores; é-o, porém, muito mais ainda por occasião da do Espirito Santo, que se faz a uma capella d'esta invocação, situada n'um valle proximo. É esta uma das mais notaveis e afamadas romarias dos arrabaldes de Coimbra. A humilde capella é então visitada por milhares de camponezes. Possuidos de grande contentamento e alegria, com os seus trajos mais ricos, com suas musicas e cantigas, ora agrupando-se em agitadas danças, ora espalhando-se pelas cercanias do convento, dão áquellas paragens uma tão alegre animação, que convida a affluir áquelles sitios não só os habitantes da cidade, mas os de povoações muito afastadas. A bella estrada que do jardim botanico conduz a Santo Antonio converte-se então n'um brilhante e animadissimo passeio.»

No excerpto que acima transcrevemos tem os nossos leitores uma pequena amostra de um livro, não só curioso pelas muitas e variadas noticias que encerra, mas tambem opulento de boa instrucção, porque a historia dos monumentos de Coimbra está estreitamente enlaçada com a da monarchia.

Não ha cidade em Portugal, e poucas haverá na Europa, tão ricas de memorias historicas como Coimbra. Alli cada monumento, póde dizer-se quasi cada pedra, falla de um feito heroico, ou de um nome il-

lustre, ou de uma tradição gloriosa, ou, em fim, de uma lenda de amores, cercada de infinda poesia.

Se da historia quizermos volver os olhos para as artes, encontrâmos na antiga côrte do nosso primeiro rei monumentos artisticos de todas as eras, typos apreciaveis de diversos estilos de architectura.

Se, lassos, em fim, dos assumptos d'arte, nos quizermos recrear com as scenas da natureza, tambem nenhuma terra do nosso paiz as offerece em seus arrabaldes mais formosas e variadas que a cidade de Coimbra.

Assim tambem o livro do sr. Simões de Castro reune aos merecimentos já referidos a amenidade como leitura recreativa, e a utilidade como guia esclarecido do viajante em terra que Deus dotou com tantos encantos, e que os homens enriqueceram por tantos e tão differentes modos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 242)

XVII

ESPERANÇA E DESAMPARO

Maria Palmeiro foi bater á porta dos seus antigos amos logo que o moço lisboeta partiu para o Porto. Os amos responderam-lhe que já não precisavam dos seus serviços, e que fosse para onde tinha estado até então.

— Pois não sabem que estive a tratar de um doente?

— Sabemos, respondeu o tio Manuel Bento; sabemos até demais... e é por isso que nos não convens cá em casa.

— Foi com o consentimento do sr. padre Manuel...

— O sr. padre Manuel é um santo, mas sabe menos do que toda a gente a respeito de... em fim, não me convens para moça e procura outra casa.

— O tio Bento, olhe que eu não fiz nada que me esteja mal... Se gostei do moço de Lisboa, é porque elle o merece; e só Deus sabe o destino que dá a cada um...

— Pois sim, sim; mas tambem d'antes gostavas de Pedro, e estavas contratada para casar com elle! Que eu digo isto por dizer, nanja que me importe com a tua vida. Cada um é senhor das suas acções, e quem boa cama fizer n'ella se deitará.

Com este anexim fechou o tio Manuel Bento a porta, pondo a cachopa na rua.

— Deixem estar, gritou Maria enfurecida, que ha de vir ainda tempo em que vossês hão de ir á minha casa, e eu hei de tratal-os do mesmo modo!

— Ha de ser quando casares com o teu fidalgo? perguntou a tia Benta mettendo a cabeça por uma fresta.

— Ha de ser, sim; porque então serei eu rica; e vossês parecerão pobrissimos, comparados commigo.

— Olha lá, tornou ironicamente a velha; peço-te que para esse tempo me dês o teu linho a fiar.

Maria afastou-se jurando que os havia de ensinar, e foi ouvindo até grande distancia as gargalhadas da lavradora, que a ficára escarnecendo.

Tomou para a banda da fonte e foi bater á porta dos Serodes, familia abastada da aldeia: mas tambem lá a não quizeram, dizendo-lhe que quem estava para casar com um fidalgo não devia servir uns pobres lavradores.

Dirigiu-se depois ao tio Antonio do Oiteirinho, e foi egualmente despedida, com as mesmas ou similhantes razões.

Via-se claramente que toda a população estava já informada dos seus novos amores, e que os considerava ignominiosos. Pedro, que fôra até áquelle dia o primeiro interessado na honra e reputação da moça, tinha sido o ultimo a saber o que já para ninguem era novidade!

Os maridos e os amantes são sempre os derradeiros a conhecerem a sua infelicidade.

A situação tornava-se difficil. Ninguem queria receber a amante de Carlos Eugenio, e a noite aproximava-se. Mas por que a repelliam? A consciencia não a accusava; se tinha dado uma certa liberdade a Carlos, não era isso motivo para que a desprezassem, visto que, como ella firmemente acreditava, o rapaz viria d'ahi a tres mezes para casar com ella! Depois de breve hesitação, tomou o caminho que conduz á casa do padre Manuel. O velho cura tinha saído quando ella chegou; e a irmã d'elle, a sr.ª Rosa, não quiz, como as outras pessoas, recolher Maria Palmeiro.

— Pois quê! tambem esta porta se me fecha?! exclamou ella aterrada.

— Minha filha, lhe disse com bondade a sr.ª Rosa; o que fez foi muito mal feito! Enganar seu noivo, que é um moço brioso e trabalhador, para se prender a um sujeito que elle salvou da morte, é a vergonha das vergonhas! Desde que meu irmão é cura d'esta aldeia, ha talvez quarenta annos, nunca lhe succedeu um caso egual! É a primeira cachopa que se perde assim!...

— Que se perde, sr.ª Rosa?!

— E' voz do povo; e voz do povo, voz de Deus.

— Calumniam-me!... E o moço vem d'aqui a tres mezes para casarmos...

— Vem?! Deus o queira! porém eu duvido.

— É porque nunca o viu; aquillo é um rapaz como se quer, e só falla a verdade pura!

— Oxalá que seja assim! mas por ahi ninguem acredita que elle cá torne. E olhe: ainda ha poucas horas que o viram partir e já dizem isso.

— É por inveja.

— Inveja?

— Pois quê? Sabem que é muito rico; todas as cachopas o achavam bonito; e não póde ser senão por me quererem mal que dizem isso.

— Agora! Ai! mal peccado, filha! Meu irmão não te quer mal, porém disse o mesmo quando Pedro Martins lhe contou...

— O Pedro esteve cá?

— Saíram ambos.

— Então já o sr. padre sabe?...

— Caíu das nuvens quando tal ouviu, e chorou de pena... por tua causa, cachopa, que vaes ficar por ahi desgraçada, sem ninguem fazer caso de ti.

— Oh! mas quando eu casar com Carlos Eugenio hei de vir aqui de carruagem e vestida de seda, e hei de mandar atirar lama pelos meus criados e pelos meus cavallos á cara d'essa gente que hoje me maltrata.

— Ai, moça! na lama caíste tu, pobresinha!

— Para esse tempo, continuou a Palmeiro com exaltação, hão de pedir-me dinheiro emprestado para poderem fazer as suas sementeiras; hão de offerecer-se para meus criados e para minhas criadas, e eu hei de mandar-lhes tambem dar com as portas do meu palacio na cara — que eu hei de fazer aqui um palacio —; e hei de dizer-lhes que não quero ser servida por elles, e que não empresto o meu dinheiro a gente vil e invejosa.

— Credo! bradou a sr.ª Rosa benzendo-se. O tal homem metteu o diabo no corpo á rapariga!

Tornou a benzer-se, e, fechando a porta muito depressa, deixou Maria Palmeiro do lado de fóra.

A amante de Carlos voltou silenciosamente a esquina da rua, e encaminhou-se por uma travéssa que vae ter á praia por sitios em que não ha casas.

Era noite já quando entrou no areial. O ceo estava

limpido, estrellado e sereno; o mar quasi dormente; apenas se ouvia o múrmurio tranquillo da agua, que subia mansamente pela praia acima com a maré de enchente.

Apesar de ter começado o inverno, não fazia frio; os rochedos, ligeiramente humecidos pelo relento, destacavam das sombras as cabeças, que reluziam com a luz dos astros. Não havia luar; mas a noite era tão clara, que o espelho do mar reflectia o firmamento, e viam-se de longe como que bailar as estrellas na superficie das aguas.

Os moinhos de vento que povoam o areial estavam todos immoveis, sem velas, com os braços nus estendidos para o norte, como a supplicar aos ventos que viessem insufflar-lhes a vida.

Entre o mar e os moinhos, e fóra do alcance das maiores marés, via-se uma longa fileira de barcos, todos com as prôas voltadas para o Oceano, em attitude de partir, similhantes a um regimento que só espera a voz de avançar para cair sobre o inimigo.

Além, uma multidão de jangadas de cortiça (corticeiros), destinadas á pesca ou apanha do sargaço e botilhão, estavam de pé, encostadas cada uma á sua vara, como sentinellas apoiadas nas armas.

Mais adiante, montes de sargaço, um já sêcco e prompto para ir fecundar os campos, outro ainda em fermentação, e muito estendido pelo vasto areial para o sol o despojar das propriedades venenosas, que tornariam a terra esteril em vez de a fazer productiva.

Ao longe brilhavam os fogos da povoação, onde cada familia tinha o seu lar, a sua ceia, e cada pessoa a sua cama para dormir.

Maria contemplou por muito tempo o espectaculo da natureza e os testimunhos da actividade humana, que de todos os lados a cercavam. A sua alma e o seu pensamento voavam conjuntamente do real para o phantastico, do possivel para o impossivel. Pensou que era bom trabalhar para viver, mas que era preferivel ter com que viver sem trabalhar; disse comsigo que o destino da mulher era casar, e que a sua obrigação era melhorar esse destino casando bem; que um homem educado era superior a um bruto, um homem bonito a outro que o não fosse, e um rico a um pobre; que era muito melhor saber do que ser ignorante, e muito melhor ter dinheiro para dar do que pedil-o aos outros.

De raciocinio em raciocinio, foi subindo em aspirações; mas, no fim das suas meditações, concluiu por notar que não tinha onde ir dormir n'aquella noite, nem nas que d'alli em diante se seguissem, e que não comia havia já muitas horas.

Lembrou-se então da sua vida, tão curta e tão cheia já de acontecimentos e catastrophes; veiu-lhe á memoria o seu primeiro amor e a sua deslealdade, que lhe parecia justificadissima, porque gostava mais de Carlos que de Pedro.

Comtudo, viu que no fundo da sua consciencia havia uma sombra que a incommodava.

Desejou então que Deus a convertesse em rochedo, em concha ou em estrella... ou que lhe trouxesse no mesmo instante o seu novo adorador.

Sentou-se sobre o bailéo de um barco que tinha ao pé de si, e, toda entregue a estes sonhos, foi pouco a pouco adormecendo.

Quando acordou já o sol tinha nascido, e ella viu com assombro que se achava debaixo de um toldo que não estava alli no momento em que adormecêra.

Quem se lembraria de a livrar assim do relento? Quem teria esse affectuoso cuidado n'uma terra em que na vespera se lhe fecharam todas as portas a que fôra pedir abrigo? Só podia ser o seu bem amado, que voltára durante a noite, como ella desejára. Mas onde estava? por que não apparecia para receber em abraços o premio de seus ternos desvelos?

— Carlos! clamou ella com voz commovida e erguendo-se.

Porém, em vez do amante por quem suspirava, só viu ao pé de si uma chave, que logo reconheceu, e um papel, em que se achavam escriptas as seguintes palavras, que, a fallar verdade, não davam ao auctor nenhum direito para, calligraphicamente fallando, ser preferido ao lisboeta:

«O homem que te enganou não torna a vir; posso jurar-t'o. Quem é capaz da traição infame que elle praticou commigo não póde ser leal a uma pobre moça que lhe serviu apenas para passar menos aborrecidamente o tempo da convalescença. Sei que não me acreditas; mas o tempo te dará o desengano. Em quanto esse não chega, é preciso que tenhas onde dormir sem ser nas praias, e onde comer sem ser de esmolas. Aqui fica a chave da minha casa. Estão lá vinte moedas, que o *outro* deixou *para pagar* as despezas a que-me obrigou. Tudo está pago. Gasta o dinheiro comtigo, porque *vem d'elle*. Se não fosses tu, e a lembrança de que terias maiores necessidades, iria, ainda que fosse até ao Porto, para lhe entregar o dinheiro com que julgou pagar a minha desgraça e a tua vergonha.

«Eu por ahi ando; se alguma vez te desenganares, chama-me, porque casarei comtigo, e ninguem se atreverá mais a boquejar sem que eu lhe quebre as costellas. Se precisares de alguma coisa, ou de mim, manda a toda a hora, do dia ou da noite, a casa de meu tio Paranho. — *Pedro Martins Paranho.*»

Maria decifrou com incrivel trabalho esta carta, porque, assim como Pedro não era forte a escrever, a moça não o era a ler; porém, á medida que foi percebendo bem o sentido de tão nobres palavras, o seu coração, que não estava pervertido, abriu-se ás lagrimas da gratidão, como a terra arida e queimada pelos ardores do estio se abre ás primeiras chuvas do outono.

— Se o outro me não tivesse apparecido, exclamou, casaria comtigo, porque tu és o unico coração bom que ha n'esta aldeia! Mas Carlos ha de voltar; eu bem sei que elle me não enganou; os que tal dizem são os que se enganam. Agora já não posso casar com Pedro, porém juro e prometto a Deus de o amar e respeitar como meu verdadeiro irmão; só d'elle ouvirei conselhos, e só com elle viverei. Se... se o outro não tornasse, casaria... não; se elle não voltasse... morria eu. Esperarei, pois, e Deus ha de ouvir as minhas orações, porque eu nunca fiz mal a ninguem.

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM.

D. CATHARINA DE BRAGANÇA

(Vid. pag. 211)

A rainha aposentou-se no palacio do governador militar de Portsmouth, onde esperou que chegasse o rei seu esposo. Ahi se lhe apresentaram os officiaes nomeados para a sua casa, tendo por camareira-mór a condessa de Solfolk, e por capellão catholico mylord de Aubing; duas aias francezas e duas toucadeiras inglezas.

El-rei Carlos não póde sair de Londres senão a 29 de maio, por causa de negocios urgentes que estavam por decidir no parlamento, mas todos os dias escrevia á rainha sua mulher, em hespanhol. A 30 chegou a Portsmouth com o duque de York, seu irmão, o principe Roberto, seu primo, e os gentis-homens da camara. Como vinha muito empoado e descomposto do caminho (diz a relação já citada), não quiz apparecer á rainha d'aquelle modo; recolheu-se a uma camara, onde diante de todos fez a barba, vestindo-se de setim pardo todo bordado de seda, com fitas e plumas côr de fogo.

Depois foi ver a rainha, que estava ainda de cama

com febre, não consentindo o rei que entrassem com elle mais que seu irmão, o mordomo-mór, o camareiro-mór, o marquez de Sande e os dois veadores portuguezes. Sentou-se el-rei junto da cama da rainha, e assim estiveram largo espaço fallando em castelhano, sendo esta a primeira vez que a nossa infanta mudou de idioma, por haver promettido ser esta a primeira fineza que faria a seu marido.

El-rei estava mui alegre (falla ainda o auctor da relação, que inculca estar presente), mostrando-se mui pago da formosura da rainha; e tanto que, chegando-se o nosso embaixador a perguntar-lhe se o havia enganado nas informações, lhe respondeu sua magestade que sim; que elle e os pintores o haviam enganado, porque nem os informes nem os retratos eram tão formosos como a rainha.

Á noite ceiou el-rei em publico, na principal sala, sobre um tabernaculo debaixo de docel, tendo seu irmão á direita; e em quanto comeu estiveram soando doze violas e rabequinhas, mui accordes; a mesa esteve cercada de todos os fidalgos, em pé e descarapuçados, e muitas danças entre elles. Depois da ceia foi o soberano ver outra vez a rainha, e depois se recolheu ao seu aposento.

No dia seguinte, estando a rainha melhor da febre, com o parecer dos medicos, se vestiu para a celebração dos desposorios, a qual se fez pelas tres horas da tarde, saindo suas magestades á sala principal, onde se achava a corte, e ahi, subindo ao throno e ficando de pé, o camareiro-mór pediu silencio e mandou ler o auto que continha o primeiro recebimento que se havia feito em Londres, cuja cópia se viu em Lisboa; e depois o secretario da embaixada, Francisco de Sá de Menezes, leu outro auto em portuguez, que continha o mesmo. Então o bispo de Londres, virando-se para os circunstantes, lhes notificou «estarem casados o rei e a rainha, segundo se via por aquelles autos, o que fazia saber a todos para que ninguem o duvidasse, e suas magestades se lograssem por muitos annos»; ao que todos responderam *amen*, com grandes vozes.

Acabado este acto, todos beijaram a mão á rainha, e dos muitos laços de fita azul que levava no vestido encarnado, á ingleza, lhe não ficou nenhum, porque cada qual tirava o seu e o punha no chapeo; e o mesmo fizeram as damas ao rei.

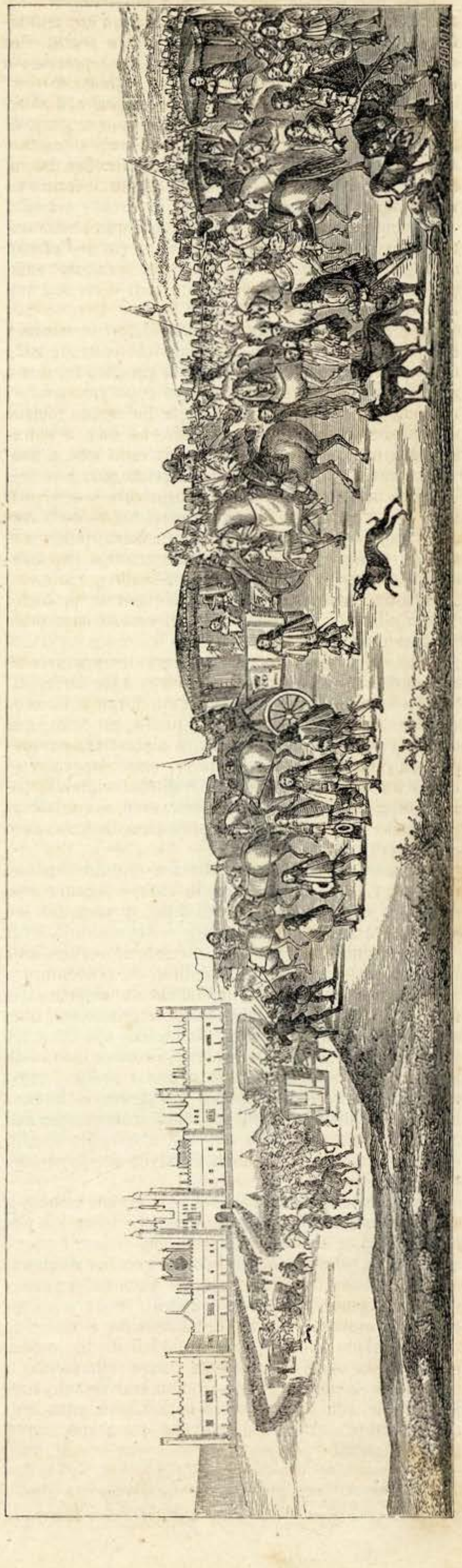
Como a rainha ainda estava mal convalescida, por conselho dos medicos voltou para a cama, e o rei fez o galanteio de ceiar com ella sobre o leito.

Por causa da doença de D. Catharina, demorou-se a corte uns oito dias em Portsmouth; e o rei, para entreter a sua augusta consorte, fazia que lhe cantassem o duque de Boyningan e mad. Lagard, toucadeira franceza; e a rainha, para lhe pagar este favor, mandava que os seus musicos lhe cantassem alguns tonos, de que el-rei gostava, dizendo que lhe contentava muito mais a nossa musica do que a castelhana, porque os hespanhoes gritavam, e nós cantavamos como os italianos.

No dia 6 de junho de 1662 saíram suas magestades de Portsmouth para o magnifico palacio de campo em Hampton-Court, a 25 milhas de Londres, onde iam passar o verão.

Foi sumptuario o estado que se preparou para conduzir os augustos noivos: riquissimos os coches, custosas as librés da famulagem, e numerosissimo o cortejo dos magnates e das tropas, o que por menor contam as gazetas do tempo, e mais ainda a relação que havemos citado.

Boa idéa nos dá d'este prestito a gravura que hoje publicâmos, tirada da estampa feita em 1662, pelo mesmo artista inglez que desenhou a que démos a pag. 213. O palacio que alli vemos no alto foi o primeiro que a nossa infanta habitou em Inglaterra.



Entrada dos reis da Gran-Bretanha Carlos II e D. Catharina de Bragança no palacio de Hampton-Court

Logo que se estabeleceu a corte em Hampton, começaram as reuniões, a que o rei Carlos era mui affeiçoado. Os dias passavam-se na caça e pesca, e as noites nos saraus e comedias, nas quaes representava el-rei, os principes, muitos nobres e damas.

D. Catharina não entrava nas peças por não saber inglez; mas dançava bem, e accommodou-se tão gentilmente ao trajo da corte de Inglaterra, que (diz o auctor da relação) com sua graça e garbo lhe deu alma, não deixando ás senhoras inglezas e francezas mais que o trabalho de haverem inventado a moda!

Até aqui chega o diario da viagem que temos extractado. Agora ouçamos outra vez o chanceller-mór de Inglaterra, sobre os desgostos que a rainha começou a padecer logo que se juntou com o rei seu marido. O testimunho é insuspeito.

No mez de junho (diz Clarendon) chegou a rainha a Hampton-Court. O conde de Sandwich, commandante da esquadra, e plenipotenciario do rei para receber a rainha e o dote, deu parte de que o governo de Portugal declarára não poder entregar-lhe senão metade do dote, e essa mesma em joias, assucar e outras mercadorias, porque os ultimos aprestos que a Hespanha havia feito para invadir o reino pelo Alemtejo obrigára a regencia a fazer consideraveis despezas. Pelo que o conde de Sandwich recebêra as mercadorias, trazendo a bordo um Diogo da Silva, judeu portuguez, muito rico e com grandes creditos em Amsterdão, encarregado de liquidar em Londres o primeiro milhão de cruzados, que se devia pagar de prompto.

Não obstante a alegria nacional que este casamento causou (continúa o chanceller), os cortezãos empregaram todos os ardis para o tornarem desagradavel ao rei. Carlos II, depois do seu regresso a Inglaterra, tinha vivido publicamente com uma joven e formosa dama [1], de quem pouco antes tivera um filho, que sua magestade reconheceu. Estes amores tinham prejudicado muito a reputação do rei entre o povo; e só o desculpava a sua mocidade vigorosa e gentil; porém suppunha-se que depois de casado cumprisse as promessas que havia feito ás pessoas de maior credito que estavam junto d'elle.

A rainha era dotada de belleza e espirito para lhe agradar; e realmente, á primeira vista, e algum tempo depois, o rei estava muito satisfeito, e resoluto a lhe sacrificar a sua antiga liberdade, sem comtudo levar a complacencia conjugal ao excesso de se presumir que era governado por sua mulher. Se porventura a rainha tivesse a arte, a habilidade de algumas das rainhas de Inglaterra, alcançaria o predominio que muitas desfructaram. Mas D. Catharina, apesar de ter já edade para adquirir a experiencia do mundo, e de possuir *tanto espirito quanto se podia desejar*, mostrando-se em certas occasiões de agradavel humor, tinha sido educada n'um convento, não conhecendo senão as mulheres que a serviam, e tratando só com as freiras, a cuja communidade talvez desejasse pertencer [2].

D'esta reclusão saíu para ser uma grande rainha, e viver n'uma corte que necessitava de ser reformada nos costumes, pela licenciosidade com que viviam homens e mulheres, não tendo o rei forças para os reprimir.

Além d'isto, a rainha veiu de Portugal acompanhada de gente incapaz de a instruir sobre a necessidade de se moldar aos habitos da sua nova condição, e tanto quanto bastasse para a sua felicidade em paiz estranho. As damas e aias eram todas velhas, feias e orgulhosas [3]; sem saberem sustentar conversação com pessoas de educação liberal; e tão insensatas, que aconselharam a rainha a que não devia aprender a lingua ingleza!

[1] Miss. Palmer, depois feita duqueza de Cleveland.
[2] Não consta que isto seja verdade.
[3] Monstros lhes chama Grammont nas *Memorias* da corte de Carlos II.

A rainha chegou a Hampton-Court com o firme proposito de não consentir que lhe apparecesse a dama de quem tanto se fallava (miss. Palmer); e, pelo contrario, o rei, julgando tel-a disposto para que a acolhesse civilmente, dois ou tres dias depois a conduziu aos aposentos da rainha, que a recebeu tão bem como ás outras damas. Mas, ou porque sua magestade desconfiasse logo que era ella, ou por qualquer indicio, empallideceu, começou a chorar, rebentou-lhe o sangue pelo nariz, e foi levada em braços para a sua camara, retirando-se todos consternados d'esta inopinada scena.

O rei encolerisou-se com este acontecimento em publico, e o tomou como um desafio sobre quem havia de governar no seu palacio, ponto em que sua magestade era muito cioso. A resposta que depois lhe deu a rainha, obstinada na sua resolução, ainda o exasperou mais. Começou a queixar-se de que as condições do contrato matrimonial não tinham sido cumpridas, arguindo o embaixador portuguez da falta do pagamento da metade do dote, e de não ter aconselhado á rainha que se abstivesse de contrariar as determinações do rei seu esposo. Por outro lado, a rainha arguia tambem o embaixador, marquez de Sande, da falsidade com que lhe havia fallado em Portugal das virtudes e bom caracter do rei seu noivo. O marquez, que era um homem de grande merito e respeito, caíu doente, esteve em perigo de vida, e succumbiria se não fossem os cuidados com que suas magestades procuraram reparar os aggravos que lhe tinham feito.

O rei, d'alli por diante, afastava-se da companhia da rainha, e procurava distrahir-se na sociedade de gente leviana, á qual dava repetidos saraus, e com quem se mostrava cada vez mais indulgente. Foi esta gente que o instigou a que mantivesse a sua auctoridade, e manifestasse ao mundo que não queria ser governado, recordando-lhe o exemplo de seu avô (Henrique VII), que nunca dissimulára as suas paixões, constrangendo a rainha a tratar com benevolencia as favoritas de seu marido, a quem elle ennobrecia com os maiores titulos, para que o mundo as respeitasse e a corte lhes rendesse homenagem. Que sua magestade, pelas seducções da sua gentileza, tinha captivado o coração de uma joven e formosa dama, de boa familia, cujo pae havia perdido a vida no serviço da corôa; que por ciumes de sua magestade a havia abandonado o marido, e que a indignação da rainha dera tanto que fallar, que a desditosa dama ficava sem refugio e exposta ao desprezo do mundo.

Estas matinações foram reforçadas por um livrinho que então se publicou em Paris, *Os amores de Henrique* IV, com todo o visco libidinoso dos costumes francezes. O rei leu-o com muito interesse, e tal impressão lhe fez, que o resolveu a elevar a sua dama á classe da nobreza, dando ao marido o titulo de conde de Castlemaine. Tendo-a assim habilitado para exercer qualquer cargo no paço, o rei determinou fazel-a dama da rainha, para mostrar que tinham acabado todas as suas relações illicitas. Empregou todas as caricias para que D. Catharina acceitasse esta nomeação, em que estava empenhada a auctoridade real, protestando-lhe que, depois da chegada de sua magestade a rainha, elle não tivera a menor familiaridade com a condessa, e jurava que d'alli por diante continuaria a ser fiel a sua augusta esposa. D. Catharina, que tinha o genio mais arrebatado do que denunciava a sua physionomia, não soube conter-se, e rompeu em impetos de colera, que aggravaram o mal já feito, porque o rei insistiu na resolução que havia tomado, e exaltou-se-lhe a aversão que mostrava á consorte.

Estas desordens domesticas, e as impressões que ellas faziam no espirito do rei, affligiam os homens gra-

ves e serios; davam pasto ás murmurações do povo, sem que os magistrados podessem reprimil-as, com receio de propagar o escandalo. A gente de bem desesperava de achar meio de enfrear a devassidão da corte, que augmentava todos os dias, e cujas consequencias pareciam ser ainda mais fataes para o chanceller, porque tinha contra si as sociedades nocturnas dos libertinos, que assoalhavam ter elle grande influencia no conselho privado do rei; a qual augmentaria se a rainha, que fazia muito bom conceito do chanceller, chegasse a alcançar algum poder no paço.

Em verdade, o rei não confiava as suas mágoas a ninguem, com tanta franqueza, como ao chanceller; a elle se queixava da obstinação e mau humor da rainha, e lhe contava o que entre os dois se passava, pedindo-lhe conselhos, porque bem sabia que era homem dedicado ao seu serviço, e que lhe dizia sem temor tudo que pensava. Por isso lhe deu sua magestade permissão de fallar á rainha sobre as suas repugnancias, embora fosse uma commissão melindrosa para quem estava costumado a não usar de cortezanias.

Comtudo, o chanceller não achou meio de recusar-se, nem desesperou de conseguir parte do que desejava. A rainha não conhecia então em Inglaterra outra pessoa mais que o chanceller, nem tinha conversação aturada senão com elle.

Esta circunstancia lhe daria occasião de poder informar el-rei do que ella lhe contasse, o que, sem esta liberdade, fôra impossivel conseguir-se.

(Continúa) A. DA SILVA TULLIO.

O INSTITUTO DE FRANÇA

(Vid. pag. 246)

XXI. Conde de Carné, nascido em 1804, publicista, auctor das *Vues sur l'histoire contemporaine*, *Études sur l'histoire du gouvernement répresentatif en France*, etc., que em 1863 substituiu J. B. Biot, physico, chimico e mathematico, auctor do *Traité de physique expérimentale*, e de innumeras obras e memorias scientificas.

XXII. Vitet, n. em 1802, litterato e politico, auctor de *Les barricades*, *Fragments et mélanges*, etc., que em 1845 substituiu Soumet, poeta, auctor de *Clytemnestre et Saul*, etc.

XXIII. Saint-Marc Girardin, n. em 1801, professor e jornalista, redactor do *Journal des Débats*, auctor do *Éloge de Bossuet*, do *Tableau de la littérature française au* XVI *siècle*, etc., que em 1844 substituiu Campenon, poeta e auctor dos poemetos *La maison des champs* e *L'enfant prodigue*.

XXIV. Flourens, n. em 1794, physiologista e litterato, auctor de *Recherches physiques sur l'irritabilité et la sensibilité*, *Examen de la phrénologie*, e de uma serie notavel de *Recherches*, *Observations*, *Expériences*, elogios historicos, etc., que em 1840 substituiu Michaud, auctor da *Histoire des croisades*, da *Bibliothèque des croisades*, etc.

XXV. Dufaure, n. em 1798, advogado, estadista e orador distincto, antigo ministro das obras publicas (pela creação d'este ministerio em 1839), e ministro do interior em 1848, que em 1863 substituiu Pasquier, magistrado e politico, auctor dos *Discours et opinions*. De Dufaure ha só impressos alguns dos relatorios mais importantes.

XXVI. Duque de Noailles, n. em 1802, historiador, auctor da *Histoire de la maison royale de Saint-Louis*, da *Histoire de m.me de Maintenon*, etc., que em 1849 substituiu Chateaubriand, historiador, auctor do *Génie du christianisme*, *Atala*, *René*, *Martyrs*, antigo redactor do *Mercure de France*, etc.

XXVII. Lamartine, n. em 1790, poeta celebre, auctor das *Meditations poétiques* (cujas primeiras edições appareceram depois de 1820, e das quaes se consumiram 45:000 exemplares em quatro annos), do *Chant du sacre*, das *Harmonies poétiques et religieuses*, etc., que em 1829 substituiu Daru, estadista e litterato, auctor da *Histoire de Venise*, traductor de Horacio em verso.

XXVIII. P. A. Berryer, n. em 1790, advogado distinctissimo, politico e antigo deputado, que em 1854 substituiu o conde Alexis de Saint-Priest, diplomata, neto do conde Guinard de Saint-Priest, ministro plenipotenciario em Lisboa no reinado do sr. D. José, e tambem ministro, como seu avô, n'esta corte no reinado da sr.ª D. Maria II, auctor da *Histoire de la conquête de Naples par Charles d'Anjou*, etc. De Berryer existem impressas algumas defesas e memorias; e affirmam os seus biographos que em 1861 (contando então o celebre advogado não menos de 71 annos), no conhecido processo de Patterson contra a successão do ex-rei Jeronymo Bonaparte, ainda orava com o vigor da mocidade.

XXIX. Victor Cousin, n. em 1792, philosopho e litterato, auctor de *Proclus*, *Descartes*, etc., traductor das *Œuvres completes de Platon*, etc., que em 1830 substituiu o barão Fourier, mathematico (que não deve confundir-se com Fourier ou Fourrier, afamado chefe do socialismo), auctor da *Theorie analytique de la chaleur* e de outras obras scientificas muito apreciadas.

XXX. O bispo Dupanloup, n. em 1802, antigo professor de eloquencia sagrada, n'outro tempo mui estimado por suas idéas a favor da liberdade do ensino, e depois auctor da *Lettre à un catholique*, *Lettre à mr. le vicomte de Guèronnière*, *Christianisme presenté aux hommes du monde*, e de varios escriptos, mais politicos que religiosos, a favor do poder da santa sé, etc., que em 1854 substituiu Tissot, professor e jornalista, auctor dos *Études sur Virgile* e outras obras.

XXXI. Villemain, n. em 1790, distincto professor, litterato e antigo ministro da instrucção publica, auctor do *Cours de littérature*, *Eloge de Montesquieu*, *Avantages et inconvenients de la critique*, *Histoire de Cromwell*, etc., que em 1821 substituiu seu mestre Fontanes, professor e poeta, traductor em verso do *Essais sur l'homme de Pope*, etc.

XXXII. S. de Sacy, n. em 1801, jornalista e advogado, editor das *Lettres spirituelles de Fénelon*, da *Imitation de Jesus-Christ*, por M. Marillac, redactor do *Journal des Débats*, etc., que em 1854 substituiu Jay, litterato, auctor do *Tableau littéraire du* XVIII *siècle*, director do *Journal de Paris*, fundador da gazeta denominada *Constitutionnel* com Etienne e outros, e da *Minerve* com Benjamin Constant, Tissot e outros, etc.

XXXIII. Conde Alfredo de Vigny, n. em 1799, poeta e romancista, auctor dos *Poëmes antiques et modernes*, do romance historico *Cinq-mars* (doze edições desde 1826), da *Servitude et grandeur militaires*, do *Stello ou les diables noirs*, etc., que em 1845 substituiu Etienne, dramaturgo e publicista, auctor da notavel comedia de caracter *Deux gendres*, etc.

XXXIV. Laprade, n. em 1812, poeta, auctor de *Les Parfumes de Madeleine*, *Odes et poëmes*, *Poëmes évangéliques*, etc., que em 1858 substituiu Alfredo de Musset, poeta, auctor dos *Contes d'Espagne et d'Italie*, de *Les nuits*, *Stances à m.me Malibran*, *La mi-carême*, etc.

XXXV. Patin, n. em 1793, professor e litterato, auctor dos *Études sur les tragiques grecs, ou examen critique d'Eschyle, de Sophocle et d'Euripede, précédé d'une histoire générale de la tragédie grecque*, redactor do *Globe* na restauração (1814-1830), etc., que em 1842 substituiu Roger, poeta comico, auctor da comedia *L'avocat*, *La revanche* e outras obras.

XXXVI. Conde de Montalembert, n. em 1810, po-

litico e escriptor religioso, antigo redactor do *Avenir* com Lamennais e Lacordaire, fundador com este ultimo da *Escola livre*, pela qual foi condemnado em policia correccional, e depois auctor da *Vie de sainte Elisabeth d'Hongrie*, *Du catholicisme et du vandalisme dans l'art*, *Du devoir des catholiques dans la question de la liberté d'enseignement*, etc., que em 1852 substituiu Droz, philosopho e historiador, auctor do *Essai sur l'art d'être heureux*, *Histoire du règne de Louis* XVI, *De la philosophie morale*, etc.

XXXVII. Empis, n. em 1795, dramaturgo, auctor das comedias *La mère et la fille*, *L'agiotage*, *La dame et la démoiselle*, etc., que em 1847 substituiu De Jouy, dramaturgo e jornalista, auctor de diversas composições dramaticas, operas comicas, etc.

XXXVIII. Viennet, n. em 1777, litterato e politico, antigo redactor do *Constitutionnel*, auctor de diversas *Epîtres*, entre as quaes se conta a *Epître aux chiffonniers sur les crimes de la presse* (1827) e a que tem por titulo *Aux mules de Don Miguel* (1829), dos *Essais de poésie et d'éloquence*, dos poemas *Siège de dames*, *La Philippide*, etc., que em 1830 substituiu o conde de Ségur, diplomata e historiador, auctor das *Mémoires, souvenirs et anecdotes*, e de outras obras.

XXXIX. Conde de Remusat, n. em 1797, politico, litterato e philosopho, auctor do *Essais de philosophie*, *Passé et présent*, *Bâcon, sa vie, son temps*, antigo redactor do *Globe*, etc., que em 1846 substituiu Royer-Collard, philosopho e professor, auctor de varios discursos academicos, fragmentos philosophicos e poeticos.

XL. Dupin-aîné, n. em 1783, afamado jurisconsulto e litterato, auctor de *Principia jura civilis cum romani, tum gallici*, etc., do *Dictionnaire des arrêts modernes*, e de innumeras obras relativas ao estudo do direito, que em 1832 substituiu o barão Cuvier, naturalista estimado, auctor do *Règne animal distribué d'après son organisation*, e de varias obras ácerca das sciencias naturaes.

(Continúa) BRITO ARANHA.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

(Vid. pag. 247)

Ha em Macau tres sociedades distinctas: a chineza, de que te tenho fallado; a dos *nhons*, descendentes de antigos europeus que alli foram estabelecer-se; e a sociedade européa, constituida pelos funccionarios e alguns negociantes.

Os nhons apresentam as feições communs da nossa raça, notando-se apenas em alguns o córte obliquo dos olhos. São em geral bastante trigueiros. É a elles que em Portugal se dá o nome de macaistas. Ha nhonhas muitas brancas, e não são raras entre ellas as bellezas. Quando praticam entre si, fallam um dialecto exclusivamente seu, formado por um portuguez antigo modificado, e com mesclas de chinez. Vou dar-te uma amostra d'aquella extravagante linguagem do seguinte trecho de uma carta devida á espirituosa penna de um dos redactores do *Ta-SSi-Yang-Kuo*, jornal que se publicava em Macau, e de que adiante tornarei a fallar-te.

«Minha quirida Miquéla. — Tanto tempo eu já querê respondê vosso carta, mas sempre senti doente, por isso tanto tardá este resposta. Vós, minha Miquéla, nadi ficá reva cô eu; vós sabe que eu querê pra vós, e se nunca escrevê mas asinha sam prómodi ja tá mutu vélla. Otro dia aum ha mofina di ama abri janella, eu irgui cedo, saí fóra, apanhá vento, ficá constipada. Priméro tomá sincap, misinha de vento, raspá mordicim, mas nunca póde ficá bom, cada dia senti corpo más fraco, perna azedo. Dotôr falá sam doença d'idade, mas eu nunca senti assim, chamá mestre Ahoi, qui tudo gente falá sam capaz, elle já curá. Agora sinti um poco forte, mas mestre nom quéro que eu fazê mutu força e mandá tomá ninho di pastro.»

Os europeus residentes em Macau formam uma escolhida sociedade, que honra o nosso paiz perante os estrangeiros que visitam aquella nossa longinqua possessão. Por felicidade d'aquella terra, os funccionarios que para lá são enviados, e os particulares que alli vão estabelecer-se, são, por via de regra, individuos de illustração e fino trato. Resulta d'isso não reinar em Macau a intriga baixa e a opposição miseravel ás auctoridades, que estamos costumados a ver n'outros pontos do nosso ultramar.

Costumam ser alli brilhantes e animados os bailes e as reuniões familiares, e esmerado o acolhimento feito aos compatriotas e aos estrangeiros que visitam a cidade. As praxes do bom tom são de uma observancia rigorosa, e o luxo é escrupulosamente obedecido em todas as suas exigencias e nos seus caprichos pela sociedade de Macau. O senão que se nota alli, e deixa impressão desagradavel no animo do visitante portuguez que for observador imparcial, é a imitação das praticas e dos usos inglezes, suscitada pela visinhança da prospera colonia britannica de Hong-Kong, e pela frequente convivencia com os subditos da Gran-Bretanha. Oxalá que isso não prejudique ainda sériamente o futuro da nossa possessão, corroborando as aspirações d'aquella potencia, que tem os olhos fitos n'ella, e não perde ensejo de a cercear na sua importancia, no intento reservado de nol-a fazer perder um dia.

E já que toquei n'este ponto, não quero deixar de consignar aqui um facto que se deu em Hong-Kong, em agosto de 1865, e cuja dolorosa impressão estava ainda bem viva em Macau em março do anno seguinte, quando alli cheguei. É um acto de grande parcialidade e injustiça para com os portuguezes, praticado pelas auctoridades de uma nação que se diz nossa amiga e alliada. Manifesta-se bem n'elle quanto os inglezes se empenham em aproveitar todas as occasiões de nos privarem do prestigio de que gozâmos perante os indigenas dos paizes em que dominâmos.

Andando a cruzar a canhoneira ingleza de vapor *Bustard* em frente da bahia de Pin-hai, avistou duas embarcações de cabotagem que d'alli saíam, e que, ao avistal-a, navegaram outra vez para dentro do porto, dando-lhes caça o cruzador. Como ellas se aproximassem bastante da terra, a ponto de varios chinas que as tripulavam se arremessarem á agua e ganharem a nado a praia, o navio inglez, com fogo de artilheria, metteu a pique uma, e ia começar os tiros sobre a outra, quando n'ella foi içada a bandeira portugueza, pedindo soccorro. A canhoneira mandou-lhe então um escaler com gente armada, que encontrou a bordo d'ella quatro portuguezes, um dos quaes disse ser o capitão, um hespanhol e um china pratico da costa. Interrogados estes homens, declararam que tinham saído na sua lorcha de Amoy com destino a Macau, e que, tendo fundeado em Taitão por causa do vento contrario e do mau tempo, foram aprisionados pela outra embarcação, que era de piratas; que, tendo-lhes estes tirado de bordo duas peças, polvora e balas, que tinham para sua guarda e defesa, os obrigaram a seguir em comboyo com elles. Declararam mais que, depois de andarem seis dias com os piratas, os obrigaram estes a tomar parte no ataque a um junco chinez, que foi aprisionado e roubado, sendo morta a guarnição, mas não tomando parte nos assassinatos senão os piratas; e que, coactos, continuaram a navegar com elles até áquelle momento.

Foram estas as declarações constantes, coherentes e unanimes dos quatro europeus.

(Continúa) JOÃO DE LACERDA.